

**SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS DE CURAS POR PLANTAS
MEDICINAIS NO MUNICÍPIO DE BUJARU-PA**

Ana Maria Medeiros Furtado (amedfurt@ufpa.br) - UFPA

Eixo 04: Saberes Tradicionais e Medicinas Alternativas

RESUMO

O artigo mostra como ainda é comum a prática da medicina tradicional em comunidades caboclas na Amazônia. Considerada a maior reserva de plantas com aptidões curativas do mundo, muitas delas já são reconhecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) por seu valor terapêutico. Entretanto, pouco se estudou cientificamente as propriedades medicinais de milhares de espécies e seu aproveitamento na cura de doenças. A maioria dos produtos que são usados pelos povos da floresta é preparada empiricamente pelos moradores locais, que herdaram por tradição o conhecimento secular, transmitido por várias gerações desde os povos nativos às populações indígenas e caboclas. Vários dos remédios produzidos, ora descritos, são utilizados de imediato principalmente em enfermidades agudas, o que se constatou na localidade estudada: a cidade de Bujaru, no Pará. O rol de produtos mostra ainda que tipos de manipulação sofrem: chás, sucos, óleos, unguentos, infusões e decocções, entre outros, incluindo também a aplicabilidade dos mesmos para males específicos. O trabalho foi realizado na sede do município de Bujaru, na mesorregião do nordeste paraense e microrregião guajarina, por sua localização às margens do rio Guamá, e os resultados obtidos se devem às informações fornecidas pelos usuários da comunidade. O município de Bujaru está também incluído na região de integração do rio Capim.

Palavras-chave: Medicina tradicional. Populações. Biodiversidade. Amazônia.

ABSTRACT

The article shows how it is still common practice of traditional medicine in *caboclas* communities in the Amazon. Considered the largest reserve of plants with healing skills of the world, many of them are already recognized by the World Health Organization (WHO) for its therapeutic value. However, little has been studied scientifically the medicinal properties of thousands of species and their use in curing diseases. Most products that are used by people of the forest is empirically prepared by local residents, who inherited the tradition of secular knowledge, transmitted by generations since the native peoples to indigenous and *caboclas* populations. Several of the drugs produced, described herein, are mainly used immediately in acute diseases, which was found in the study location: the city Bujaru, in Pará. The list of product still shows that types of manipulation suffer: teas, juices, oils, unguents, infusions and decoctions, among others, also including their applicability to specific ailments. The work was held at the municipality of Bujaru at the in the mesoregion of the northeastern Pará and microregion guajarina for its location on the river Guamá, and the results obtained are due to the information provided by users of the community. The municipality of Bujaru is also included in region of integration the river Capim.

Keywords: Traditional medicine. Populations. Biodiversity. Amazon.



1 INTRODUÇÃO

A pesquisa científica dos produtos medicinais da floresta tropical equatorial, ainda se revela incipiente com o agravante do pouco investimento econômico, e a falta de interesse das instituições governamentais. Por outro lado é grande a cobiça por parte de empresas internacionais e privadas que já utilizam alguns produtos, promovendo o plantio e a exploração de espécies, como é o caso da copaíba, já patenteados no Japão, entre outros produtos e países.

Muitos são os obstáculos para a regularização dos produtos medicinais e nutritivos da floresta, tais como o cultivo, a coleta, a produção, cuja burocracia constitui grandes entraves a industrialização e comercialização.

Segundo Meireles (2004), as florestas tropicais embora ocupem apenas 9% do planeta contém aproximadamente 50% das espécies vivas. São conhecidas cerca de mais de 1,5 mil de espécies vegetais e animais. Mas é na Amazônia que se encontra a maior biodiversidade do globo. Shubart (1983) revelou que em 1/5 de hectare de floresta foram detectadas cerca de 505 espécies, em Manaus.

Segundo Benchimol (1977) a Amazônia apresenta a farmacopéia de maior riqueza do mundo, mais utilizada, agravada pela falta da pesquisa científica. Não há verbas nem incentivos para os pesquisadores além do perigo da biopirataria que paira no ar.

De acordo ainda com Benchimol (1977), deveria haver sistemas de produção auto-sustentados. Vive-se num mundo pobre por não saber transformar tais recursos e potencialidades em riquezas econômicas a serviço do homem.

As plantas são utilizadas desde tempos milenares para a cura de doenças, quando se usava somente o conhecimento botânico.

A descoberta do quinino na selva peruana por nativos mostra que até hoje esse produto é utilizado bastante na região, embora na Europa ele tenha adotado o nome de “água da Inglaterra” por ter salvo da morte o rei Carlos II, desse país e Luís XIV da França no século XVIII.

Segundo o PNUD, três bilhões de pessoas dependem da farmacopéia tradicional, e no Brasil cerca de 5 milhões de pessoas são adeptas da homeopatia.

Dos fármacos naturais mais conhecidos que são a andiroba e a copaíba, se extraem vários produtos alguns já comercializados.

Segundo Vieira (1992) as propriedades da andiroba e copaíba são variadas, onde são descritas as plantas, partes usadas, princípios ativos, uso popular. O elenco de fármacos citado por esse autor é um dos mais completos.



De acordo com o IBGE somente na Amazônia brasileira existem aproximadamente 650 espécies vegetais que contêm propriedades farmacológicas, bem como produtos de origem animal, também obtidos na floresta.

Infelizmente menos de 5% das plantas e 1% dos invertebrados tiveram o estudo devido para obtenção dos produtos medicinais da região.

Enquanto no Brasil pouco se realiza em prol da medicina tradicional, empresas de grandes grupos dedicaram-se a explorar o assunto. Já existe, segundo Meireles (2004) a plantação de jaborandi, que é indicado para o glaucoma, além de outros produtos que são de grande interesse.

Embora exista na Amazônia, principalmente nas comunidades rurais da região, o uso freqüente da medicina tradicional, existe o risco da comercialização sem cuidado. Hoje se constata nas feiras livres, nas farmácias de produtos naturais, e entre os ambulantes a venda de tais produtos, onde muitos não inspiram confiança. No mercado do Ver-O-Peso em Belém, a distribuição de muitos produtos medicinais é, bastante difundida. Já existem em vários supermercados da capital a venda de material ressecado de cascas, sementes, bem como óleos onde se insere endereço dos que transformam o produto que é vendido em pacotes. Dentre tais endereços estão a Travessa Oriental do Mercado e no Distrito do Coqueiro, mas muitos desses produtos não trazem na embalagem qual a utilização, constando apenas o nome popular e a recomendação para que ao ser utilizado, seja o produto convenientemente lavado.

Outro problema que entrava a participação da medicina tradicional é a resistência de muitos dos médicos da região que rejeitam essa aplicabilidade, considerando também que o país já importa uma grande variedade de remédios sintéticos.

Entretanto, mesmo com a tecnologia desenvolvida pela farmacologia, pacientes desenganados abandonam tratamentos sofisticados e se apegam muitas vezes as práticas tradicionais, o que se constata tanto nas comunidades urbanas como nas rurais.

A medicina alternativa é hoje uma busca de cura, e a mesma apresenta uma série de terapias diferenciadas que estão se difundindo no mundo. Dentre elas o efeito placebo, a acupuntura, aromaterapia, dietas, hidroterapia, homeopatia, hipnose, jejuns, terapia psicossomática, entre outras.

Segundo Rosenfeld (1999) a medicina alternativa vem se popularizando e hoje é também utilizada como um meio preventivo por pessoas sadias, considerando a falibilidade da medicina convencional que há décadas atrás preconizou teorias e práticas hoje consideradas prejudiciais. Ainda Rosenfeld (1999), médico adepto da medicina alternativa na cura de doenças ele agrega a medicina holística que considera o corpo e a mente uma entidade única. Hoje a medicina alternativa é também chamada de medicina complementar.



Segundo Scanavio Neto (apud MEIRELES, 2004) a saúde é a maior reivindicação das comunidades rurais e a mais imediata. Na Amazônia a situação se complica, com dados sub-notificados, aonde a incidência de doenças comuns por vezes chega a óbito com a deficiência de médicos, ausência de sanitários e a falta de um maior investimento na saúde dos povos tradicionais: índios, ribeirinhos e quilombolas.

A medicina tradicional conforme Camargo (1985) é considerada como um corpo de conhecimentos e práticas médicas que se desenvolve numa dinâmica própria com base no conhecimento empírico, segundo o contexto sociocultural e econômico, na qual se insere. Apresenta caráter sincrético que apresenta componentes herdados da medicina dos antepassados e adequados à realidade presente com procedimentos de caráter religioso. É o que se constata muito entre os umbandistas.

Não se pode negar a importância e o papel das comunidades indígenas sobre o conhecimento das propriedades físicas e químicas, dentro do contexto botânico, cuja apreciação foi feita por Levi Strauss (1987) grande antropólogo americano.

Segundo Albuquerque (1989) o qual cita cerca de 100 espécies amazônicas, deve-se ter informações seguras sobre o uso e preparação, alertando sobre o conhecimento do nome científico que implica na segurança do material usado.

2 METODOLOGIA DO TRABALHO

A pesquisa respaldou-se em bibliografia e obtenção de informações de usuários dentro da comunidade visitada. Perguntou-se sobre as doenças mais freqüentes que incidem sobre a referida comunidade, quais os tipos de preparação dos remédios e das ervas mais utilizadas, a escolaridade e renda dos participantes do inquérito.

Foi então elaborado um quadro onde constam os fármacos e suas propriedades curativas, de natureza caseira, cujos moradores conhecem e usam conforme suas necessidades.

2.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA

A localidade visitada foi à sede do município de Bujaru as margens do Guamá que o limita ao Norte, enquanto a Oeste lhe serve de limite o município de Acará e a Leste e Sudeste o de Concórdia do Pará. A situação geográfica o inclui na microrregião Guajarina a cerca de 70 km da capital Belém. É ligada a esta pela travessia a balsa no rio Guamá e depois pelas Rodovias PA-252 que vai até Santa Isabel e depois pela estrada BR-356 que o liga a capital (figura 1).

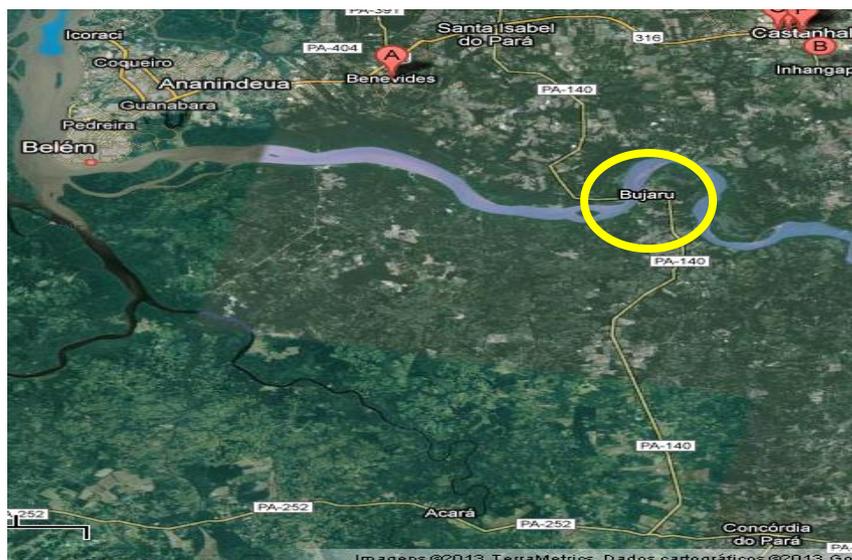


Figura 1 – Vista aérea

Fonte: Google

A situação da saúde no município apresenta vários fatores que determinam sua condição precária. Além da situação financeira, há grande carência de assistência curativa e preventiva por parte do Estado. Assim o perfil da saúde do jeito como é visto implica na falta de saneamento, de prestação de serviços tanto de assistência médica como sanitária à população. Não há recursos materiais bem como há escassez de instalações, equipamentos, enfim, de infra-estrutura para atendimento adequado aos que procuram.

É óbvio que tais indicadores não fogem a regra da maioria dos municípios paraenses e da própria Amazônia, onde a proliferação de doenças parasitárias, respiratórias, algumas com fácil transmissibilidade, constituem problemas para a comunidade, sendo as principais causas de mortalidade.

O panorama que se apresenta só não se torna mais sombrio devido à prática de cura através da medicina curativa, por parte do conhecimento cultural, ainda que precária. Dispondo de uma população de aproximadamente menor que 25.000 habitantes, o mais grave sucede nas pequenas comunidades rurais do município como Curuá, Traquateua, Arraial da Trindade, Floresta, Santa Maria e Santana.

3 RESULTADOS

A população foi inquirida através de entrevistas em dez famílias onde se incluem pessoas conhecedoras de plantas medicinais, cuja utilização vem de avós, pais para filhos que usavam tais procedimentos.



Segundo relatos as plantas servem para curar ou amenizar vários tipos de males em geral simples. Quando o caso é grave, se busca o atendimento nos municípios de Santa Isabel, Castanhal, ou mesmo no Acará, e excepcionalmente em Belém.

Dentre as doenças que mais acometem essa população são: diarreias, gripes, asma, amebíase, anemia, hepatite, hipertensão, febres de causa desconhecida etc. Também são comuns, acidentes por baques, cortes nos pés, reumatismo, dor de garganta, verminoses.

Os fármacos utilizados são precedidos na maioria das vezes de rezas, ao se acreditar que terão grande eficácia no tratamento.

Ainda é freqüente a presença de parteiras e colaboradoras que atendem gestantes por ocasião do parto. São senhoras idosas, que testam o estado das parturientes, se estas têm condição de parto normal. Quando é necessária uma cesariana, são encaminhadas aos postos de saúde para encaminhamento em hospital. Dos remédios utilizados constam o nome popular, o uso, parte utilizadas, além dos tipos de princípio ativo representados no quadro 1.

Produtos (Nome Popular)	Usos / Doenças	Parte Utilizada e Princípio Ativo
Abacateiro	Anemia, males do estômago	Chá da folha
Açaizeiro	Diarréia	Chá da raiz
Alfavaca	Gripe	Banho
Alho	Desinfetante dos pulmões, pressão alta	Bulbos e chá
Amor Crescido	Queimadura, queda de cabelo	Chá e Emplasto
Andiroba	Febres, reumatismo, vermes e asma	Casca, folhas, óleo
Arruda	Quebranto	Folhas
Babosa	Inflamações da pele, queda de cabelo	Sumo das folhas
Bacuri	Doenças da pele	Óleo
Barbatimão	Gastrite	Chá
Boldo	Fígado e estômago	Chá da folha
Cabacinha	Baques	Infusão
Caju	Diarréia	Chá do broto
Camapu	Infecção urinária	Chá da raiz
Camomila	Calmanete	Infusão
Canarana	Rins	Chá
Canela	Pressão alta, calmante	Chá das folhas
Capim Santo	Febres	Chá das folhas
Catinga de Mulata	Dor de cabeça	Ungüento
Cedro	Inflamações	Chá e banho
Chicória	Diurético, laxante	Chá das folhas
Chuchu	Pressão	Chá
Cipó-Pucá	Derrame	Chá

VI SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA DA SAÚDE

III FÓRUM INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA DA SAÚDE

Tema: Geografia da Saúde: desigualdades socioambientais e promoção da qualidade de vida

São Luís (MA), 21 a 24 de outubro de 2013.



Produtos (Nome Popular)	Usos / Doenças	Parte Utilizada e Princípio Ativo
Copaíba	Cicatrizante, doença da pele, antiinflamatório	Óleo / cápsulas, casca
Cueira	Antiasmático	Suco cru
Erva Cidreira	Calmante, pressão	Chá da folha
Erva de Jaboti	Pressão alta	Chá
Erva Doce	Prisão de ventre, dor no estômago	Chá
Eucalipto	Estômago, gripe, febre	Chá
Gengibre	Catarro, rouquidão, reumatismo	Ungüento dos rizomas
Goiabeira	Diarréia, tosse, hemorragia	Chá da casca e folhas novas
Graviola	Diabetes	Chá das folhas
Hortelã	Gastrite	Chá das folhas
Ipê Roxo	Inflamação, tumores	Chá da casca
Jatobá	Tônico, gripe	Xarope, garrafada
Jucá	Tosse	Vagem
Laranja	Estômago	Casca
Leite de Amapá	Tônico nutritivo	Leite
Limão	Gripes	Sumo
Mamão	Vermes e estômago	Sementes e polpa
Marupazinho	Hemorróida	Chá
Mastruço	Vermes	Sumo
Maxixe	Dor de estômago	Chá
Pariri	Anemia	Chá
Pata de Vaca	Diabetes, pressão	Chá
Pirarucu	Asma, gripe, inflamação do útero	Sumo da folha
Quebra-Pedra	Problemas urinários	Chá
Sacaca	Fígado	Chá
Sucuba	Vermes, herpes, inflamação no útero	Chá
Verônica	Inflamação vaginal	Infusão

Quadro 1 – Lista de plantas mais utilizadas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as dez famílias consultadas, sete usam remédios de manipulação, os tradicionais obtidos no local, na própria casa, ou na vizinhança, feitos por praticantes.

Tabela 1 – Tipos de uso dos remédios

Discriminação	f	%
Manipulação	07	70
Sintéticos	03	30
TOTAL	10	100

Fonte: Elaborada pela autora.



A tabela 2 retrata que segundo os baixos salários os remédios sintéticos quando chegam à localidade são muito caros e por vezes inexistentes, predominando a renda de um salário mínimo.

Tabela 2 – Renda familiar

Discriminação	f	%
Menos de 01 Salário Mínimo	01	10
01 Salário Mínimo	05	50
02 Salários Mínimos	03	30
Mais de 02 Salários Mínimos	01	10
TOTAL	10	100

Fonte: Elaborada pela autora.

4 CONCLUSÕES

Os resultados detectados na comunidade mostraram a importância dos remédios tradicionais cuja aplicabilidade vem suprir em muito as dificuldades pelas quais passam os moradores por suas condições socioeconômicas deficientes. A existência de tais produtos miraculosos é fruto de uma cultura regional herdada, que pelo menos tem minorado o sofrimento dessa comunidade estudada, o que sucede em muitas outras do Estado e da região.

Muitos dos produtos apresentados que fazem parte dos saberes tradicionais, pressupõe que esses recursos da floresta usados adequadamente, mostram que apesar das condições de pobreza da população local, sua aplicação deve preservar o uso racional de tais medicamentos incentivando a utilização constante através de treinamento e preparação das receitas por pessoas habilitadas.

A grande biodiversidade oferecida pela floresta na confecção de produtos terapêuticos para as populações desassistidas deveriam sensibilizar mais as instituições de saúde, as universidades, os médicos, os farmacêuticos, os botânicos, viabilizando laboratórios que possam aprimorar o conhecimento adquirido e repassado por várias gerações, mostrando a riqueza vegetal existente, que se insinua como salvadoras de vidas. Há que se criar uma verdadeira farmacologia amazônica, industrializando seus produtos para maior segurança aos usuários e que certamente reduzirão o custo de tais remédios principalmente para as populações mais carentes.

A pesquisa etnobotânica é, portanto uma necessidade premente, ao se aliar o conhecimento tradicional e científico para sanar efeitos colaterais e dosagem excessiva de remédios sintéticos, bem como detectar que muitos dos produtos da floresta revelem princípios ativos até então desconhecidos, e tornando acessível à população mais pobre.



Mostrar que o Brasil na inércia do pouco aproveitamento de seus próprios remédios naturais, está sendo omissa na preparação terapêutica dos produtos da natureza, o que não acontece com países do primeiro mundo que vem criando patente dos mesmos.

Em se tratando de Amazônia as interferências na região, principalmente em seus diferentes ecossistemas com a derrubada maciça da floresta, sobretudo no Estado do Pará vem comprometendo a vida das populações tradicionais, em especial das comunidades indígenas, aonde a floresta homogênea em substituição a biodiversidade apresentada pela floresta tropical equatorial, vem incidir em maior proliferação de doenças transmitidas por insetos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.M. **Plantas medicinais de uso popular**. Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria Geral, 1989.

BENCHIMOL, S. **Amazônia um pouco antes e além depois**. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.

CAMARGO, M.T.L. Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II. **Estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo: Almeida, 1985.

LEVI-STRAUSS, C. O uso das plantas silvestres na America Tropical. In: **Suma etnológica brasileira**. V. I, Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

MEIRELES FILHO, J.C. **O livro de ouro da Amazônia**. Mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

ROSENFELD, I. **O guia da medicina alternativa**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

SHUBART, H.O.R. Ecologia e utilização das florestas. In: **Amazônia desenvolvimento**. Integração e ecologia. São Paulo: Brasiliense; CNPq, 1983.

VIEIRA, L.S. **Fitoterapia da Amazônia**: manual das plantas medicinais. 2. ed. rev. São Paulo: Agronômica Ceres, 1992.